

**Ana Maria Dantas de
Maio**

ORCID iD <http://orcid.org/0000-0003-0917-2303>

URL <http://lattes.cnpq.br/8945378092236790>

Embrapa Pecuária Sudeste - Núcleo de Comunicação Organizacional
anamaio@uol.com.br

Marcelo Pereira da Silva

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-4363-8736>

URL <http://lattes.cnpq.br/2011486771825354>

Docente permanente do Mestrado Interdisciplinar em Linguagens, Mídia e Arte e do curso de Relações Públicas da PUC-Campinas
marcelosilva_rp@hotmail.com

A ‘erosão do solo’ descrita em uma notícia: análise discursiva sobre a produção de sentidos envolvendo o ambiente rural

The ‘soil erosion’ described in a news article: discursive analysis on the production of meanings involving the rural environment

La ‘erosión del suelo’ descrita en una noticia: análisis discursivo sobre la producción de significados que involucran el ambiente rural

RESUMO

A Análise de Discurso (AD) de linha francesa e a Análise Crítica de Discurso (ACD) fundamentam este estudo, que examina um enunciado jornalístico sobre os efeitos da erosão do solo na produção agrícola. A intenção é investigar como uma notícia sobre um problema típico do universo rural e/ou ambiental produz sentidos para interlocutores sem vínculos com o agronegócio. O enunciado apresenta sinais de polifonia, silenciamento e didaticidade que demarcam as condições de produção do texto, identificam endo/exogrupos, além de determinar uma linha de leitura, entre outras possíveis. A análise conclui que esse discurso não conecta o problema da degradação do solo ao consumidor final. O sentido é interrompido no elo da produção rural, como se os efeitos da degradação do solo sofressem uma descontinuidade, sem afetar itens que são consumidos por habitantes urbanos.

Palavras-chave: Análise de discurso; jornalismo; degradação de solo; rural

ABSTRACT

The French-line Discourse Analysis (DA) and the Critical Discourse Analysis (CDA) support this study, which examines a journalistic statement about the effects of soil erosion on agricultural production. The intention is to investigate how a news about a typical problem in the rural and/or environmental universe produces meanings for interlocutors without links to agribusiness. The statement shows signs of polyphony, silencing and didacticity, which demarcate the conditions of text production, identify endo/exogroups, in addition to determining a line of reading, among many other possible ones. The analysis concludes that this discourse does not connect the problem of soil degradation to the final consumer. The meaning is interrupted in the rural production link, as if the effects of soil degradation suffered a discontinuity, without affecting items that are consumed by urban inhabitants.

Keywords: Discourse analysis; journalism; soil degradation; rural

RESUMEN

El análisis del discurso (AD) de línea francesa y el análisis crítico del discurso (CDA) respaldan este estudio, que examina una declaración periodística sobre los efectos de la erosión del suelo en la producción agrícola. La intención es investigar cómo las noticias sobre un problema típico del universo rural y / o ambiental producen significados para interlocutores sin vínculos con la agroindustria. El enunciado presenta signos de polifonía, silenciamento y didacticidad que delimitan las condiciones de producción del texto, identifican endo/exogrupos, determinando una línea de lectura, entre otras posibles. El análisis concluye que este discurso no conecta el problema de la degradación de la tierra con el consumidor final. El sentido se interrumpe en el eslabón de la producción rural, como si se descontinuaran los efectos de la degradación del suelo sin afectar los artículos que consumen los habitantes urbanos.

Palabras-clave: Análisis del discurso; periodismo; degradación del suelo; rural

Submissão: 12-1-2022

Decisão editorial: 26-10-2023

Introdução

Este artigo desenvolve uma análise de discurso sobre um texto jornalístico para investigar de que maneira o tema “degradação de solo”, comum em manifestações enunciativas do ambiente rural, é apresentado simbolicamente a um público mais abrangente e potencialmente urbano pela mídia. O objetivo é avaliar de que maneira o funcionamento discursivo do texto selecionado produz sentidos para um leitor não necessariamente conectado ao universo do agronegócio e/ou das temáticas ambientais. O interlocutor imaginado é, assim, o cidadão comum, que se alimenta, se veste, se movimenta e absorve produtos e serviços originários do campo, no entanto nem sempre consegue estabelecer vínculos entre os objetos consumidos e suas fontes de produção.

A fundamentação teórica se baseia na Análise de Discurso (AD) de linha francesa e na Análise Crítica de Discurso (ACD), que oferecem suporte teórico-metodológico para um recorte interpretativo. O *corpus* selecionado é uma matéria veiculada pelo Portal G1, em maio de 2019, produzida pela agência de notícias espanhola EFE. Construiu-se um quadro de seis dizeres que constituem diferentes formações discursivas (FDs) e formações ideológicas (FIs) para sistematizar o dispositivo metodológico e levar a efeito a análise.

Os resultados indicam certa preocupação seletiva com a didaticidade, ou seja, em determinados momentos, o sujeito polifônico expõe a necessidade de explicar ao interlocutor algumas questões técnicas. Em outros trechos, esta intervenção é ignorada. O silenciamento também se manifesta no enunciado, especialmente ao desconectar a problemática do solo degradado do destinatário final que pode ser diretamente afetado pelos efeitos: o consumidor de produtos e subprodutos do agro.

Proposta metodológica da AD

A escolha do enunciado sobre degradação de solo foi intencional. O tema foi submetido à plataforma de buscas Google em 2019 e a análise começou, efetivamente, em 2020. O objetivo era localizar matérias jornalísticas que abordassem o assunto técnico para um público leigo. Por isso, conteúdos a respeito do mesmo tema veiculados em sites especializados em agronegócios foram descartados. É desconhecida a expressividade ou impacto do enunciado escolhido, porém ele se enquadra nas características do objeto procurado.

A singularidade do *corpus* selecionado não permite generalizar inferências ou apontar verdades absolutas, o que é previsto no alicerce teórico-metodológico da AD. Diferentemente da análise de conteúdo – método que preconiza uma categorização e avaliação quantitativa de um *corpus* necessariamente robusto –, a análise de discurso busca decifrar o funcionamento discursivo dos sentidos constituídos por enunciados, independentemente de seu tamanho, volume, linguagem ou formato. Pode-se analisar um livro, um artigo, um parágrafo, uma bula, um vídeo, um podcast, uma frase etc.

Assim, a opção pela análise de discurso é patrocinada pela possibilidade de se obter uma leitura, entre outras possíveis. Essa AD não busca, portanto, apresentar generalizações acerca do discurso midiático, tampouco da dicotomia urbano/rural. Gil (2011, p. 6) pondera sobre a problemática das generalizações nas pesquisas sociais e humanas, pois “se as pesquisas nas ciências naturais com frequência conduzem ao estabelecimento de leis, nas ciências sociais não conduzem mais do que à identificação de tendências”. E refere-se ao pensamento de Laville e Dionne (1999, p. 35), para quem “o verdadeiro, em ciências humanas, apenas pode ser um verdadeiro relativo e provisório”. Trata-se, pois, de uma análise pontual, de um *corpus* específico, que aponta descobertas e inferências propositivas para a construção do conhecimento neste campo, que não se acomoda às evidências e ao lugar já-feito (PÊCHEUX, 2006).

Cabe considerar ainda que os modos como o discurso se organiza não dependem apenas do manejo de estruturas da língua que se materializam no texto, pois a diversidade de formas da matéria linguística atesta a extensão psicocognitiva do sujeito comunicante (LYSARDO-DIAS, 1998) e sua estruturação obedece à maneira como o olhar do sujeito se orienta: caso este olhar se volte para o mundo, tende a descrevê-lo em categorias de conhecimento, se para si mesmo, produz categorias de crença, como pondera Charaudeau (2012).

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é um tipo de investigação direcionado a problemas sociais e ao funcionamento ideológico do discurso. Considera que as relações de poder são discursivas e que o elo entre o texto e a sociedade é mediado, se debruçando

sobre a maneira como “o abuso do poder social, a dominância e a desigualdade são postos em prática, e igualmente a forma como se reproduzem e o modo como se lhes resiste, pelo texto e pela fala, no contexto social e político” (VAN DIJK, 2005, p. 19).

Nesse pensamento, a análise de discurso possibilita a construção de um dispositivo que compreende os enunciados como imbricação de um texto e de um lugar social, lançando luz aos jogos discursivos em que ora se revelam, ora se calam as vozes que os definem (KRONKA, 2008).

Este estudo foca a análise na construção enunciativa da matéria (reproduzida abaixo), desconsiderando, para os fins deste artigo, a imagem que acompanha a notícia. Optou-se por realizar a análise discursiva específica da fotografia em outro estudo já publicado (SILVA; MAIO, 2020), para que pudesse ser igualmente aprofundada. Os autores não veem prejuízo para a análise, novamente ponderando a respeito da singularidade do *corpus*.

O funcionamento do discurso

Os discursos têm relação com sua exterioridade e a constituição de sentidos depende das condições de produção, que revelam as posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico. Os valores ideológicos de um sujeito ou grupo social são conhecidos por Formação Ideológica (FI), a qual se expressa no discurso por meio de uma Formação Discursiva (FD). De acordo com Baccega (1998), a formação ideológica compõe um conjunto de representações e atitudes relacionadas às posições de classe, em confrontação umas com as outras. A formação discursiva, por sua vez, conforma um conjunto de regularidades

que perpassam os discursos de certa formação ideológica, evidenciando os limites do que pode e deve ser dito em dado contexto social, cultural e histórico (MAGALHÃES; MARTINS & RESENDE, 2017).

Na mesma linha, Pêcheux enfatiza que o sentido de uma palavra, de uma proposição ou de uma expressão não existe em si mesmo, mas se altera de acordo com as posições ocupadas e sustentadas pelos sujeitos que as empregam, designando de formação discursiva elementos que em uma formação ideológica específica, baseada em "uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes", determinando o que se pode e se deve ser dito (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Em um enunciado, é possível coexistirem diversas Formações Discursivas (FDs), representando várias Formações Ideológicas (FIs). Desse modo, ao identificar as FDs, são reconhecidas, também, as FIs. Nesta análise, depreendem-se alguns sentidos apensos em cada Dizer que emerge da matéria do portal G1. Lembrando que, de acordo com Maingueneau (1997), o fechamento de uma FD é instável, não pode ser determinado, pois ela é uma fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica. Na esteira de Fairclough (2016), compreende-se que o discurso é uma forma de ação sobre o mundo, as instituições e os sujeitos e que cada formação discursiva restringe e molda os processos de significação, construindo o mundo e a existência em significados que ganham materialidade em variados dizeres.

Forma-se, assim, um quadro de dizeres que conformam distintas FDs e FIs com os principais sentidos temáticos que se depreendem da notícia e que são explicadas detalhadamente adiante.

Tabela 1 – Quadro de Dizeres

Dizer 1	Sujeito e polifonia
Dizer 2	Uso de aspas
Dizer 3	Endogrupo e exogrupo
Dizer 4	Uso de conjunções
Dizer 5	Didaticidade
Dizer 6	Elementos de silenciamento

Fonte: Dados da pesquisa.

Trata-se de uma análise que aponta as principais regularidades discursivas de uma perspectiva ideológica na qual a mídia e seus enunciadores estão inseridos. Verifica-se de que maneira os sentidos produzidos na e pela matéria (des)constroem as representações de solo degradado no imaginário social, levando-se em conta que não são somente as palavras, as construções enunciativas, o estilo e o tom que significam. Há um espaço social que significa. O lugar social do falante e do ouvinte, da produção do texto, da forma de circulação do texto, do valor do veículo como parte do mecanismo da comunicação. E todos esses elementos mobilizam sentidos.

O não-dito no texto, igualmente, tem um significado. Para Orlandi (2011), a fala instaura espaços de silêncio nos discursos. “[...] Diríamos que o sentido está sempre no viés. Ou seja, para se compreender um discurso é importante se perguntar: o que ele não está querendo dizer ao dizer isto? Ou: o que ele não está falando, quando está falando disso?” (ORLANDI, 2011, p. 275). O conteúdo jornalístico selecionado apresenta características desse funcionamento enviesado da linguagem.

Contexto: quem fala para quem?

Como elemento extralinguístico dessa AD, convém contextualizar o momento sócio-histórico em que a notícia foi publicada e conhecer as condições de produção do discurso, um conceito fundamental para o dispositivo teórico-metodológico de AD. Trata-se dos elementos que definem e condicionam as falas e ajudam a estruturar os sentidos do discurso.

Em 2019, o mundo vivia o dilema de buscar soluções que minimizassem as emissões de gases de efeito estufa para tentar retardar os efeitos das mudanças climáticas ao mesmo tempo em que 820 milhões de habitantes do planeta passavam fome, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2019).

A solução preconizada em fóruns internacionais (PEREIRA, 2019; GROSSI, 2019) é a produção mais sustentável de alimentos, garantindo que a agricultura possa operar dentro de padrões mais aceitáveis. A ciência propõe tecnologias que permitem um equilíbrio entre as ideologias ambientalista e ruralista, uma lógica *fuzzy* que flexibilize essa dicotomia. O enunciado em questão se refere a um evento que iria reunir “especialistas e responsáveis” na Itália para debater consequências ambientais e agrícolas da erosão do solo.

Do ponto de vista econômico, no Brasil, onde a matéria foi publicada, o agronegócio responde por 26,6% do PIB (Produto Interno Bruto)¹, argumento que é frequentemente lembrado por representantes do setor produtivo. Na perspectiva ambiental, a ONU divulga que o desmatamento e a agropecuária são

¹ Dados referentes a 2020, divulgados pelo Centro de Estudos Avançados em Pesquisa Aplicada (CEPEA, 2020).

responsáveis por 23% das emissões de gases de efeito estufa responsáveis pelo aquecimento global².

O interlocutor imaginado deste enunciado pode ser descrito como predominantemente adulto, masculino, branco, urbano, com trabalho em atividade remunerada e alto grau de escolaridade, se for considerado o perfil sociodemográfico de internautas brasileiros levantado pelo Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (SILVA, ZIVIANI & GHEZZI, 2019). Este é o perfil prevalente entre usuários que costumam usar a Internet para ler conteúdo noticioso. Outra inferência possível é que sejam leitores interessados em temas ambientais ou envolvendo a produção rural.

O discurso que este artigo analisa está inserido neste contexto. O conteúdo abaixo pode ser acessado de qualquer dispositivo que se conecte à Internet. A imagem da notícia mostra os componentes iniciais, como título, subtítulo, foto e legenda. Como dito anteriormente, estes dois últimos itens não serão aprofundados neste artigo, pois exigiriam uma discussão mais específica baseada na teoria da imagem e análise de discurso fotográfico, que não são o foco deste estudo. Sob os elementos iniciais, foi reproduzido, a seguir, o texto da matéria para facilitar o acompanhamento.

² Levantamento consta no relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), divulgado em 2019.

MENU G1 NATUREZA BUSCAR

Erosão do solo pode reduzir rendimento de plantações pela metade, diz ONU

Em congresso internacional, 500 especialistas alertam para os riscos que a degradação do solo oferece ao meio ambiente e à agricultura.

Por Agência EFE
15/05/2019 15h21 - Atualizado há 9 meses

f t g+ in p



Desmatamento já é um desafio para a agricultura em comunidades no semiárido brasileiro — Foto: Pedro Santiago/G1

A erosão do solo pode causar perdas de até 50% no rendimento de algumas culturas agrícolas, uma ameaça que 500 especialistas e responsáveis analisam a partir desta quarta-feira (15) em um congresso internacional que acontece em Roma.

A diretora-geral adjunta da Organização da ONU para a Alimentação e a Agricultura (FAO) Maria Helena Semedo detalhou na apresentação do simpósio, que terá três dias de duração, que a agricultura intensiva, a lavoura, a monocultura, a pecuária extensiva, a expansão urbana, o desmatamento, a indústria e a mineração contribuem para a aceleração da erosão.

Calcula-se que a cada cinco segundos, uma superfície de terra equivalente a um campo de futebol é degradada e que, seguindo a tendência atual, mais de 90% de todos os solos do planeta podem estar desgastados até 2050.

A parte positiva é que "os solos podem ser recuperados em praticamente qualquer situação com medidas como coleta de água, proteção com coberturas vegetais e terraços", indicou Semedo, que incentivou agricultores, cientistas e políticos a criarem programas conjuntos de combate à erosão.

O ministro de Pecuária do Uruguai, Enzo Benech, usou como exemplo um plano nacional para a utilização de solos, que é de cumprimento obrigatório para qualquer produtor no país, que "produz comida para um número dez vezes maior que sua população".

"As novas tecnologias permitem que tenhamos todo o país sob controle", disse o responsável uruguaio, que ressaltou que nos últimos 50 anos foram recolhidas informações sobre a incidência de chuvas e as características do solo para garantir a capacidade de uso desses recursos.

O subsecretário executivo da Convenção das Nações Unidas para a Luta contra a Desertificação, Pradeep Monga, assinalou que o rendimento agrícola no mundo todo foi afetado pela perda de nutrientes do solo e pela exposição à água.

Além disso, Monga acrescentou que a erosão contribui para quase 24% das emissões de gases do efeito estufa procedentes da ação sobre a terra e, para evitar isto, pediu a idealização de soluções que ajudem, de forma conjunta, a restaurar solos, proteger a biodiversidade e lutar contra a mudança climática.

O acadêmico da Universidade Católica de Louvain (Bélgica), Jean Poesen, explicou que as depressões e a erosão sob a terra causadas pela água podem danificar o solo seriamente, mas que é necessário estudar melhor esses fenômenos.

Além disso, Poesen advertiu sobre outros fatores, como a pecuária extensiva e a colheita de tubérculos, como

batatas e beterraba, que, somente na União Europeia, calcula-se que são responsáveis pela erosão de quase 15 milhões de toneladas de solo por ano. EFE. (EROSÃO, 2015).

Dizer 1: Sujeito e polifonia

O sujeito do enunciado é polifônico e dá voz a, pelo menos, 11 produtores de sentido, alguns deles, locutores: o repórter não identificado, a agência de notícias espanhola EFE (que assina institucionalmente o texto), o Canal Natureza, o portal G1, o fotógrafo Pedro Santiago, a diretora-adjunta da FAO/ONU, o ministro da Pecuária do Uruguai, a Convenção das Nações Unidas para a Luta contra a Desertificação, a Universidade Católica de Louvain (Bélgica), a personagem da foto e o pronome pessoal “nós”, oculto por elipse na frase “tenhamos todo o país sob controle”. De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 384), polifonia é um “termo emprestado da música e alude ao fato de que os textos veiculam, na maior parte dos casos, muitos pontos de vista diferentes: o autor pode fazer falar várias vozes ao longo de seu texto”. Na perspectiva genebrina, “existe polifonia somente se houver vários locutores – reais ou representados” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, p. 388).

A identificação desses locutores amplia a autoria da fala, já que as relações entre diferentes sujeitos e os interesses difusos de cada um deles passam a compor o discurso analisado. Como exemplo, se o canal Natureza do portal G1 incorporou uma fala da agência EFE, na qual aparecem vozes de diversos locutores, infere-se que há um compartilhamento de responsabilidades, visão de mundo, idiosincrasias e perspectivas ideológicas.

Ao mesmo tempo que locutores podem ser identificados, o discurso oculta agentes ao utilizar o recurso da voz passiva – analítica ou sintética –, com o “se apassivador”. Este mecanismo foi problematizado por Van Dijk (2005) e indica uma tentativa de secundarizar a responsabilidade por determinada informação. No enunciado, as expressões “Calcula-se que” e “informações foram recolhidas” aparecem em três situações para encobrir as fontes dos dados. Não é possível saber quem calculou ou quem recolheu as informações divulgadas. O ocultamento desta informação constitui o mundo descrito em significados (FAIRCLOUGH, 2016) e indica uma tentativa de esquívamento na chancela dos sentidos apensos no discurso.

Dizer 2: Uso de aspas

O uso de aspas também é um mecanismo relevante na análise de discurso e constitui o dizer 2. No enunciado, esses sinais tipográficos aparecem destacando uma boa notícia (não é difícil reverter o processo de degradação) e um discurso investido de sentido político do ministro uruguaio. Para Charaudeau e Maingueneau (2016), o uso de aspas demarca um distanciamento do autor em relação a outros falantes.

Colocando palavras entre aspas, o enunciador contenta-se, com efeito, em *atrair a atenção* do receptor sobre o fato de ele empregar precisamente essas palavras que coloca entre aspas; ele as sublinha, deixando ao receptor o cuidado de compreender porque chama sua atenção, porque abre assim uma falha no seu próprio discurso. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 66).

O emprego de aspas em discursos políticos, especialmente do gênero jornalístico, é uma prática

comum. Profissionais de imprensa preferem delimitar com clareza o que foi dito por eles próprios e as falas de entrevistados. No caso, o ministro enfatiza que seu país produz alimentos para uma população dez vezes maior que a do Uruguai – comparação que o sujeito-repórter preferiu não avaliar.

Na sequência, o mesmo ministro afirma que “as novas tecnologias permitem que [nós] tenhamos todo o país sob controle”. Mais uma vez, o autor do texto optou por não encampar esta fala e apresentá-la na íntegra, dando voz ao ministro. Neste trecho, mobilizam-se dois outros conceitos da análise de discurso: o de endogrupo e exogrupo, de Van Dijk (2005) e, novamente, o de discurso polifônico, aqui na concepção de Ducrot (BRANDÃO, 2013).

Iniciando pela polifonia, ao afirmar que “as novas tecnologias permitem que tenhamos todo o país sob controle”, o sujeito induz à sua versão negativa: antes das emergentes tecnologias, não era possível ter todo o país sob controle. Entra em cena, nesse dizer, a noção de enunciador aplicada à pressuposição, ou seja, surge uma nova voz apresentando perspectiva diferente. Neste caso, o discurso polifônico expõe dois Uruguais: o que se fortaleceu com as novas tecnologias de controle e aquele anterior, frágil, que desconhecia o uso de seus recursos naturais. Destarte, para se analisar o pressuposto em nível de polifonia, leva-se em conta que seu conteúdo “é assumido por uma pessoa anônima e coletiva com a qual o locutor se mostra de acordo” (MAINGUENEAU, 2013, p. 171). Ao mesmo tempo, a utilização de aspas parece tirar do enunciador sua responsabilização e comprometimento com os sentidos construídos no discurso e as possibilidades de decodificação por parte da audiência.

Dizer 3: Endogrupo e exogrupo

Em relação ao conceito de endogrupo e exogrupo, Van Dijk (2005) acena com a premissa de enviesamento ideológico de discursos. A incorporação de pronomes pessoais como “nós” e “eles” em enunciados com soslaio crítico caracteriza, em geral, a autoapresentação positiva do endogrupo (nós) e o realce dos aspectos negativos ligados ao exogrupo (os outros). No dizer em questão, identificam-se trechos em que “eles” (pessoas ou coisas) são responsabilizados por problemas e o “nós” aparece associado a soluções.

O primeiro exogrupo enquadrado nessa perspectiva é composto por “a agricultura intensiva, a lavoura, a monocultura, a pecuária extensiva, a expansão urbana, o desmatamento, a indústria e a mineração”: todos agrupados no “eles” (que contribuem para a aceleração da erosão). Situação semelhante ocorre no último parágrafo em que são apontadas “a pecuária extensiva e a colheita de tubérculos, como batatas e beterraba” como responsáveis pela erosão de quase 15 milhões de toneladas de solo por ano. Um terceiro exogrupo é observado na identificação do “eles” que devem se mobilizar para buscar soluções para o problema: “agricultores, cientistas e políticos”.

Já o endogrupo “nós” aparece no dizer sobre a manifestação do ministro uruguaio, indicando que aquele sujeito coletivo – o Uruguai – detém o controle da situação em função da aplicação das novas tecnologias. Pode-se subentender, ainda, um pronome possessivo típico de endogrupo na fala do mesmo ministro que “usou como exemplo um plano nacional para a utilização de solos, que é de cumprimento obrigatório para qualquer produtor no [nosso] país”. Ou seja, o Uruguai se coloca na vanguarda das so-

luções para o controle de erosões, voz que ecoa no enunciado balizado pelos sujeitos compartilhados. Deste dizer ressalta o elogio ao endogrupo, marcando, ideologicamente, o suposto exemplo que o Uruguai pode ser às outras nações.

Dizer 4: Uso de conjunções

Na análise de discurso, detalhes da linguagem significam e ressignificam os enunciados e modos de dizer. O uso de conjunções adversativas tipifica este processo, haja vista que são operadores argumentativos que norteiam a leitura, valorizando, muitas vezes, uma informação/ancoragem da proposição ou elementos com os quais se vinculam diretamente (GONÇALVES, 2013).

O conector argumentativo, que orienta a leitura, está presente na fala atribuída ao acadêmico belga Jean Poesen: “explicou que as depressões e a erosão sob a terra causadas pela água podem danificar o solo seriamente, *mas* que é necessário estudar melhor esses fenômenos”. Para a AD, o autor estaria mais próximo da ideia de que os estudos precisam ser aprofundados do que das constatações técnicas apresentadas anteriormente. Ele se resguarda e demonstra cautela ao apontar o dado sobre os danos ao solo, evidenciando mais uma opinião, um ponto de vista sobre as verdades do mundo.

Dizer 5: A didaticidade

Algumas estruturas da construção textual “são gramaticalmente obrigatórias e contextualmente invariáveis”, segundo Van Dijk (2005, p. 39). No entanto são perceptíveis posicionamentos ideológicos por meio da análise de elementos opcionais que podem

variar, já que são escolhidos com base em modelos mentais de seus enunciadores. É o caso das figuras de linguagem, como metáfora, ironia, hipérbole etc. No conteúdo analisado, o locutor utiliza a analogia para conferir didaticidade ao enunciado.

Didaticidade é um recurso comum em discursos do jornalismo científico que ajuda a “traduzir” para o público leigo alguns termos ou expressões técnicas. Pressupõe-se a existência de uma assimetria – “um dos interlocutores possui um saber ou um saber-fazer que o outro não tem” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 165). A analogia busca aproximar, por semelhança, diferentes elementos da língua. Seu uso revela uma preocupação do locutor em transmitir uma mensagem decifrada ao destinatário.

Nos discursos de divulgação dos conhecimentos científicos, observa-se a utilização de elementos lexicais que são usados devido a sua capacidade de esclarecer que não são, necessariamente, específicos à disciplina. Eles são considerados como pertencentes à experiência do leitor e poderiam, assim, explicitar melhor os conceitos supostamente desconhecidos para ele, por meio de palavras ou de representações familiares. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 47).

Assim, a construção do modo de dizer “Calcula-se que a cada cinco segundos, uma superfície de terra equivalente a um campo de futebol é degradada” apresenta didaticidade por analogia, já que a medida “campos de futebol” pode ser supostamente estimada por interlocutores que não decodificam com facilidade outra unidade de medida mais técnica, como hectares, alqueires ou metros quadrados. O que chama a atenção é que a didaticidade se concentre apenas neste trecho do dizer, já que outros termos

técnicos e outras medidas “abstratas” para o leitor comum foram apresentadas sem esse recurso enunciativo.

Dizer 6: Silenciamento

Encaixa-se aqui outro conceito relevante em AD que é o silêncio, que também significa e constitui sentidos: “[...] não se pode compreender o funcionamento da linguagem sem compreender o estatuto particular do silêncio nos processos de significação”, afirma Orlandi (2007, p. 151). De acordo com a autora, para compreender um discurso é necessário perguntar de forma sistemática o que ele “cala”, ou seja, o não-dito, aquilo que não se mostra na materialidade discursiva.

O dizer em análise apresenta situações de silenciamento. A ausência do nome do evento que vai reunir os especialistas é uma delas. Classificado ora de congresso, ora de simpósio, o encontro de especialistas tem sua identificação omitida. O não-dito chama a atenção por se tratar de uma quase-informação destacada no texto (presente no subtítulo e no lead). Nota-se uma aparente contradição entre evidenciar o evento, mas não o nomear, o que permite questionar sua relevância.

Outros dois silenciamentos são perceptíveis exatamente nas ausências de didaticidade.

Uma das maneiras de observar o modo de significar do silêncio é pensar a sua ligação com a função da autoria [...]. O autor é o sujeito que “sabe” que há um interlocutor; um sujeito que deve seguir injunções da racionalidade social, disposições do uso social da linguagem. Se o sujeito abriga, em princípio, opacidades e contradições, o autor, ao contrário, tem um compromisso com a clareza e a coerência: ele tem

de ser visível pela sociedade, sendo responsável pelos sentidos que sustenta. (ORLANDI, 2007, p. 103).

Clareza e coerência estão ausentes quando o locutor suspende a didaticidade praticada anteriormente ao utilizar a analogia dos campos de futebol. Agora, no final do enunciado, aborda a “erosão de quase 15 milhões de toneladas de solo por ano” sem parametrizar esse volume ao destinatário. Esse silêncio desorienta, desconfigura as medidas – e o discurso. Também permanece na esfera do não-dito a explicação para o termo “terraços”, supostamente conhecido por interlocutores conectados ao ambiente rural, mas não necessariamente claro para o cidadão/consumidor urbano que vive submerso na cotidianidade das cidades.

Orlandi (2007) traz à luz o conceito de silêncio constitutivo representado pelo não-dito necessariamente excluído por meio de estratégias enunciativas que apagam os sentidos dos quais se deseja esquivar, ainda que constituam sentidos que instalou outra formação discursiva. Neste caso, o silêncio determina o limite do dizer.

Além do silenciamento sobre didaticidade, destaca-se o “não-dito para” e a “desconexão com” o consumidor final da cadeia de produção de alimentos e outros itens de origem agropecuária. Em nenhum momento os locutores associam a produção agrícola com o abastecimento e a alimentação humana, interrompendo o fluxo do discurso. Se o canal fosse segmentado para o público do ambiente rural, como revistas, plataformas ou sites especializados, esse silenciamento seria “natural”. Entretanto para um canal aberto como o Portal G1, teoricamente voltado à informação da sociedade em geral, essa

vinculação ao público favorecido por solos mais saudáveis seria cabível, um marco para a ampliação da sensibilidade às temáticas de conservação, à sustentabilidade e ao conhecimento menos estereotipado da vida no campo.

Breve sistematização

A análise discursiva desenvolvida com base no texto jornalístico sobre degradação de solo, publicada no portal G1, busca interligar o sujeito polifônico, a enunciação textual e o leitor ativo para se construir uma perspectiva possível de produção, atribuição e circulação de sentidos por meio de diferentes modos de dizer que conformam formações discursivas que se contemplam neste artigo.

Os resultados indicam determinada cautela dos locutores ao abordar o tema em seus modos de dizer e fazer funcionar o discurso, seja pelo uso de conectores adversativos, da voz passiva, do discurso polifônico, da didaticidade, seja pelo não-dito, pelos silenciamentos e pela construção enunciativa dos endogrupos e exogrupos. Esses recursos conformam uma série de regularidades, em diferentes formações discursivas, que lançam luz, de acordo com Magalhães *et al.* (2017), aos limites do que pode e deve ser dito em dadas condições sócio-históricas, políticas e culturais. Essas circunstâncias incorporam transformações que ocorrem no jogo de forças sociais cujos discursos representam ação sobre o mundo e aos sujeitos, restringindo, moldando e constituindo os processos de significação (FAIRCLOUGH, 2016).

Na tentativa de informar sobre o mundo, nos limites dos dizeres em análise, o jornalismo, que se tem aqui como prova da ausência do que designa, or-

ganiza-se em um sistema de satisfação que anseia a compreensão e acompanhamento do mundo. Todavia a necessidade de mais informações, revelada nos seis dizeres que constituem as formações discursivas construídas, pode servir como instrumento de reiteração de estereótipias do universo narrado e descrito na notícia. O enunciador, no esforço de ampliar os horizontes em relação à erosão do solo e suas imbricações com a agricultura, pode ter colaborado com a reificação dessa realidade no interior de um espaço social investido de significação: o lugar do falante, do ouvinte, da produção e circulação dos dizeres, do valor do veículo etc. A narrativa jornalística perde uma oportunidade de se fazer compreender por um universo ampliado e impactado pela notícia.

A análise de discurso do texto verbal identifica a intencionalidade do enunciador de transmitir, de forma simplificada, uma informação complexa a um público supostamente leigo, relacionando os problemas com erosão e degradação de solo a prejuízos com a produção agrícola. O texto silencia, no entanto, uma consequência mais universal do fenômeno, que seria a possibilidade de faltar alimentos e outros produtos de origem agropecuária para os habitantes do planeta, fato que afetaria, decisivamente, a cotidianidade do sujeito urbano que habita as cidades.

O uso de aspas, que para Charaudeau e Maingueneau (2016) pode apontar para a ausência ou o afastamento em relação ao nível de discurso que antecede ou que segue ao trecho destacado, ocorre em duas situações: quando se descreve a possibilidade de se reverter o problema (notícia positiva) e ao prenunciar uma fala política. Por motivos desconhecidos, o autor não nomeado do texto prefere se abster

desse enunciados, evitando comprometer-se com os saberes de opinião mobilizados em tais dizeres.

Ocultos, os agentes que informam sobre os impactos quantitativos provocados pelas erosões aparecem encobertos pelo pronome apassivador "se", sob a construção "calcula-se que". O uso da voz passiva para dissimular sujeitos foi descrito por Van Dijk (2005) e, nesta análise, o sujeito enunciativo optou por não revelar a fonte.

A didaticidade do texto se concretiza, em um primeiro momento, quando o locutor busca mensurar a velocidade de degradação do solo utilizando a analogia das dimensões de um campo de futebol, prática comum no discurso do gênero jornalístico. No entanto o mesmo cuidado desaparece no final, quando o termo técnico "terraços" surge sem nenhuma explicação sobre seu significado (presume-se que o leitor saiba do que se trata); e quando o volume de "15 milhões de toneladas de solo por ano" é apresentado sem parâmetros de comparação. A escolha lexical por "milhões" e "toneladas" sugere uma quantidade representativa, mas ainda assim, vaga. A premissa de Orlandi (2011) ressurgue nesse viés: o que o autor não está falando, quando está falando disso? Quais são as intencionalidades que nem sempre se mostram na superfície discursiva, a "olho-nu"?

Considerações finais

Com base nessas questões, conclui-se que o discurso verbal sobre degradação de solo analisado aposta no uso de números impactantes como tática para chamar a atenção para um problema realmente sério, urgente e complexo. O enunciado, porém, não se conecta ao consumidor final, deixando de identi-

ficá-lo como potencial prejudicado pela suposta carência de alimentos, roupas, energia e outros produtos impactados pela queda na produção agrícola. Esta conexão mostra-se fundamental para a construção de dizeres em formações discursivas que fomentem o conhecimento, sem estereótipos, da realidade rural, o desenvolvimento de uma visão mais sensível da audiência urbana em relação ao ecossistema que envolve o solo e sua devassidão no contexto atual, assim como a dependência do urbano no tocante às suas práticas de consumo.

O fluxo da mensagem verbal é interrompido no elo intermediário da cadeia – o da produção – mencionados no título, subtítulo e texto. Desse modo, o sujeito polifônico perde a oportunidade de mostrar os impactos da degradação do solo na vida de cidadãos sem relação direta com o agro ou com o ativismo ambiental. Reforça-se a lógica da produção agrícola desvinculada de um fim. Como se alimentos surgissem, por mágica, nas gôndolas de supermercados e geladeiras de lojas de conveniência.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem**: discurso e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do sentido. In: FÍGARO, Roseli. (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 19-43.

CEPEA. **PIB do agronegócio brasileiro, 2020**. Piracicaba: USP, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

EROSÃO do solo pode reduzir rendimento de plantações pela metade, diz ONU. **Portal G1**, Rio de Janeiro, 15 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/05/15/erosao-do-solo-pode-reduzir-rendimento-de-plantacoes-pela-metade-diz-onu.ghtml>. Acesso em: 6 jan. 2022.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora UNB, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes. Compromisso social e qualidade de vida: um discurso organizacional. In: **Práticas comunicacionais: sujeitos em (re)ação**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2013. p. 11-27.

GROSSI, Marina. Davos e sustentabilidade. **CEBDS**, Rio de Janeiro, 22 jan. 2019. Disponível em: <https://cebds.org/davos-e-a-sustentabilidade/#.XpxS-Zl7mUl>. Acesso em: 12 dez. 2021.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução de Lana Mara Siman Heloísa Monteiro e Francisco Settinieri. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

KRONKA, Graziela Kanin. O discurso das organizações internacionais: um discurso constituinte? In: POSSENTI, Sirio; SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez de (Orgs.). **Cenas da enunciação**: Dominique Maingueneau. São Paulo: Parábola, 2008.

LYSARDO-DIAS, Dylia. **Teorias e práticas discursivas: estudos em análise do discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges, 1998.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativo**. Brasília: Editora UNB, 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ONU: fome atinge mais de 820 milhões de pessoas no mundo. **ONU News**, Nova Iorque, 15 jul. 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/07/1680101>. Acesso em: 5 jan. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: nos movimentos dos sentidos. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6. ed. Campinas: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. Campinas: Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2006.

PEREIRA, Flora. Líderes mundiais se reúnem no maior fórum ambiental da ONU para defender economias sustentáveis. **UN Environment Programme**, Nairóbi, 10 mar. 2019. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/press-release/lideres-mundiais-se-reunem-no-maior-forum-ambiental-da-onu>. Acesso em: 6 jan. 2022.

SILVA, Frederico Augusto Barbosa da; ZIVIANI, Paula; GHEZZI, Daniela Ribas. **As tecnologias digitais e seus usos**. Rio de Janeiro: Ipea. (Texto para discussão, 2470), 2019. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9293/1/TD_2470.pdf. Acesso em: 30 dez. 2021.

SILVA, Marcelo Pereira da; MAIO, Ana Maria Dantas de. Ambiguidades no discurso fotográfico: produção de sentido sobre a degradação do solo. **Revista Eco-Pós**, v. 23, n. 2, p. 59–78, 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27511. Acesso em: 30 dez. 2021.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso, notícia e ideologia**: estudos na análise crítica do discurso. Famacião: Campo das Letras, 2005.